

MOSCA AZUL: A CRIAÇÃO NO PROCESSO DE FILMAGEM

FRANCISCO FRANCO BOMBAZAR¹; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA²

¹Universidade Federal de Pelotas UFPel – contatofranciscofranco@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas UFPel – robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido tem como objetivo analisar o processo criativo na construção do curta-metragem *Mosca azul*, realizado durante a disciplina Direção II, ministrada pelo professor Roberto Cotta no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Durante essa matéria, nos aprofundamos no desafio de entender as diversas formas estéticas e narrativas possíveis na criação de um filme, assim como os diferentes estilos cinematográficos de autores conhecidos do campo audiovisual. Para isso, além das discussões em sala, uma série de exercícios foram propostos para realizarmos obras, partindo de pontos bem distintos do nosso imaginário, tais como o sonho, a fábula, a realidade e um experimento coletivo criado em sala com a participação de toda a turma.

O filme aqui abordado foi produzido a partir de uma dessas provocações de exercícios. Ele traz apenas um personagem que acompanhamos em tela, enquanto começa o seu dia. Não temos nada de seu rosto revelado além dos olhos que se escondem junto a uma máscara e um chapéu. Aos poucos, entre algumas ações de seu cotidiano, vamos sendo apresentados àquele universo futurístico em que ele vive.

Para analisar esse processo de criação que originou o curta, o pensamento de BORDWELL; THOMPSON (2013) foi utilizado nessa escrita. O trabalho de FERREIRA (1986) também ajudou a entender um pouco a linha que se constrói dentro do experimental no nosso cinema brasileiro.

A obra cinematográfica dirigida por John Ford, em 1949, *Legião Invencível*, foi referência para entender como o inesperado pode ser incorporado de forma positiva à produção de uma obra audiovisual. É partindo desse ponto de interesse, que desenvolvo minha pesquisa neste resumo. Sempre olhando para a oportunidade que surge durante as gravações de um filme. E, tendo como ponto de partida, a essência de criação que se constrói ao ligar a câmera.

2. METODOLOGIA

O processo dessa escrita começou a partir de um interesse em aprender a fazer cinema e o processo criativo por trás de uma obra cinematográfica. Para entender como isso se constrói, BORDWELL; THOMPSON (2013) permitiu um olhar interessante a partir das escolhas que compõem um filme. Como se esse processo criativo fosse moldado pelas decisões da equipe, durante a pré-produção e a gravação de uma obra audiovisual.

Um grande número de decisões, no entanto, afeta o que vemos e ouvimos na tela. Existem as escolhas artísticas feitas pelos cineastas: Que tipo de iluminação vai intensificar a atmosfera de uma cena de amor? Dado o tipo de história que está sendo contada, seria melhor deixar o público saber o que a personagem principal está pensando ou mantê-la enigmática? Na abertura de uma cena, qual a maneira mais econômica e compreensível de informar o público qual é a hora e qual é o local? O que é mais dramático, mostrar uma explosão ou simplesmente ouvi-la fora de campo? A soma total de todas essas decisões culmina num filme concluído. (BORDWELL; THOMPSON, 2013 p.31 e 32)

Essas decisões não são tomadas apenas no momento de planejamento de um projeto. Mas também determinam a resolução de algum problema que trouxe limitações para a produção e/ou uma oportunidade que surge sem ser planejada durante o set. Para poder pensar, então, como produtor sobre esse processo de criação, analisei minha própria jornada na construção de um curta-metragem feito para a disciplina de Direção II no semestre de 2021/2. No qual, durante a gravação de um *take* específico, a partir de um dilema de escolhas artísticas, uma decisão feita na hora de gravar gerou um resultado positivo para o conceito geral do projeto. Sem ter sido planejado previamente.

Uma obra cinematográfica, que serviu como referência sobre como as decisões em set e o não planejado podem ajudar ao processo de um filme, foi *Legião Invencível*, do diretor John Ford, lançado em 1949.

Neste filme temos uma cena específica onde as tropas do capitão Nathan Brittles, interpretado pelo ator John Wayne, atravessa a região de Monument Valley durante o começo de uma tempestade enquanto um homem ferido é operado. Durante essa travessia, os raios e a tempestade que vemos em cena, misturando-se com outros planos de estúdio, não foram planejados para o momento da gravação. Mas, uma vez que estavam acontecendo, o diretor decidiu seguir com as gravações usando essa tempestade que se aproximava como mais um elemento de tensão durante essa passagem.

Por último, o trabalho de FERREIRA (1986) serviu como objeto de estudo para entender um pouco melhor a ideia de *cinema experimental* dentro da nossa cinematografia nacional e ver como a utilização de elementos simples, transfigurados entre si, abrem novas portas para o inesperado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta inicial do exercício que instigou o curta, trazia a realização de um filme de até dois minutos de duração partindo de narrativas reais. Um fato vivido, uma história ouvida ou até mesmo uma matéria jornalística. Ou seja, algo concreto que já foi vivenciado por alguém. Também tínhamos que contar essa história narrando com imagens, utilizando a câmera de modo que não fosse necessário a existência de diálogos expositivos nem trilhas sonoras.

O processo de criação começou a partir de ideias de alguns planos que imaginava no cotidiano: descer com a bicicleta as escadas de meu prédio, e uma

vista de cima, da sacada de meu apartamento olhando para a rua. Foi definido então, a partir desses planos, ações: acordar, comer algo (que mais tarde se transformaria em escovar os dentes) e sair de casa com a bicicleta. Dessa forma, me baseando em ações cotidianas e gravando em meu apartamento, foi se construindo essa história que aos poucos crescia.

Durante a gravação, surgiu o desafio de não querer representar o rosto do personagem nessas filmagens. E diante dessa vontade, foram feitas escolhas BORDWELL; THOMPSON (2013) de figurinos e máscaras ao personagem, trabalhando com um novo universo futurístico. Atravessando esse real com algo a mais. Ficção.



Imagem do curta-metragem *Mosca azul* (2022).

A cena que despertou o interesse em escrever esse resumo e me instigou a realizar esta análise, surgiu durante a gravação: havia uma ação pré-definida, escovar os dentes. A câmera foi colocada dentro do banheiro, filmando de dentro pra fora. Mas então, uma questão: A proposta era trabalhar não mostrando o rosto do personagem nos takes gravados e, para escovar os dentes, ele teria que tirar a máscara. Diante desse dilema, surgiu uma solução simples: Abrir o espelho em cima da pia e o ator ficar com o rosto escondido atrás dele.

O que não se imaginava era o momento de transfiguração que se criaria dentro dessa cena. Improvisada. Conversando perfeitamente com o conceito geral do curta. Assim como no filme de John Ford, onde a tempestade e os raios que assombram a comitiva ajudaram a criar a tensão que sentimos durante aquela travessia.

Ao esconder o rosto atrás do espelho, a cabeça do mascarado foi substituída pela descarga da privada, que estava sendo refletida no espelho. Criando uma relação interessante entre o rosto e a descarga refletida. Uma rima imagética a partir do reflexo. *Transluciferação*¹. FERREIRA (1986) discute o

¹ Termo utilizado por Jairo Ferreira em Cinema de invenção, 1986.

experimental dentro de nosso cinema e como suas transfigurações têm o costume de moldar uma estética singular.

O experimental em nosso cinema se apoia na arte como tradição/tradução/transluciferação. Utiliza-se de todos os recursos existentes e os transfigura em novos signos em alta rotação estética: é um cinema interessado em novas formas para idéias, novos processos narrativos para novas percepções que conduzam ao inesperado, explorando novas áreas da consciência revelando novos horizontes do im/provável. (Ferreira, 1986. p.27)

4. CONCLUSÕES

Fazer um filme pode ser visto como uma série de inúmeras decisões tomadas não apenas pelo diretor, mas por todos os especialistas que trabalham em sua equipe. (BORDWELL; THOMPSON, 2013)

Assim como as escolhas tomadas durante a pré-produção e a decupagem do projeto, o momento em set pode ser um importante espaço de criação durante as filmagens. Utilizando as limitações existentes como impulsionadoras de novas formas para se contar uma história.

Durante a produção do curta *Mosca azul* existiu a necessidade de se planejar o que seria gravado. Mas, ligar a câmera e experimentar, se tornou essencial para que ideias novas surgissem durante a criação desse projeto. O filme produzido para a cadeira de direção II é todo permeado por essa experiência de set, que gerou um resultado positivo para a proposta do projeto. No improviso, ao ter que lidar com um dilema durante a gravação, nasceu o plano mais significativo do filme. Se utilizando de técnicas simples para superar seus dilemas de produção e se reinventar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDWELL, D; THOMPSON, K. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

FERREIRA, J. **Cinema de Invenção**. São Paulo: Max Limoad / Embrafilme, 1986.